



Arte na Escola[®]

Edith Derdyk, abismal, carvão, papel japonês, chapa de ferro, 2010



Entrevista

Artista, escritora, ilustradora e educadora, **Edith Derdyk** fala sobre o papel do professor que ensina a desenhar.

Celeiro de Ideias

Especialistas destacam práticas educativas que podem ou não contribuir para o ensino do desenho.

Desenho, arte e formação docente

Com metodologia e parceria inéditas, projeto promove a formação de professores em Novo Hamburgo (RS).

Nossa percepção: é nas aulas de Arte que se desenha o perfil criativo do brasileiro do amanhã. Num mundo em constante mudança, onde a única certeza é a de que a ferramenta de hoje estará superada num piscar de olhos amanhã, talvez a missão mais óbvia e certa do professor seja capacitar seu aluno para este contínuo reinventar. Nesta edição do Boletim Arte na Escola o foco é o desenho, a partir de um projeto conduzido pelo Instituto Arte na Escola em parceria com o Avisa Lá, o Polo Feevale e a Secretaria de Educação de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul em que a mídia escolhida para sete primeiras séries do Ensino Fundamental foi justamente o desenho. Aprendemos muito, junto com nossos parceiros. E fomos conversar com a artista plástica cujo nome é referência neste país quando se fala em desenho: Edith Derdyk, que reparte com nossos leitores seu saber acumulado. E fica uma provocação: segundo Derdyk o desenho não deve ser “constrangido” pela avaliação. Nós, do Instituto Arte na Escola, acreditamos que as aulas de Arte são, sim, passíveis de avaliação, sem perderem seu encanto e sua magia.

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe, Helânia Cunha de Sousa Cardoso, Erinaldo Alves do Nascimento, Sílvia Sell Duarte Pillotto

Editora

Silvana Claudio

Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB 20.168/SP

Redação

Fábio Galvão, Cecília Galvão e Raquel Zardetto (CGC Educação)

Projeto Gráfico Zozi

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e opiniões para este informativo devem ser enviadas para:

Instituto Arte na Escola;
Alameda Tietê, 618 – casa 3
CEP 01417-020, São Paulo, SP
Fone (11) 3103.8080
contato@artenaescola.org.br

Fala Professor

Em que artista(s) você busca referência quando o tema da sua aula é o desenho? Por quê?

► Busco contextualizar os conteúdos a partir do trabalho de vários artistas, entre eles Vincent Van Gogh, Picasso, Giotto, Da Vinci. Dependendo das turmas, conto a sua história e faço a demonstração de suas obras. Depois, partimos para uma releitura ou para a criação própria a partir da criatividade dos alunos.

Jocelia Franco Bomfim / Tunas do Paraná (PR)

► Penso que quando o assunto da aula é o desenho, devemos mostrar aos alunos que não existe uma única forma de representar algo. É importante trabalhar com imagens de diversas fontes, desde desenhos feitos por artistas até aqueles feitos pelos próprios estudantes, além de imagens de revistas ou livros, fotografias, etc. Procuro mostrar aos alunos que muitos artistas, como Mondrian e Iberê Camargo, representaram árvores de formas diferentes, com materiais diferentes, mas cada um fez do seu jeito.

Paula Regina de Vargas / Montenegro (RS)

► Minhas referências estão principalmente nos naïfs, além de Picasso. Os naïfs não desenhavam fotograficamente, tornando mais fácil quebrar o “gelo” e o “medo” de desenhar fora dos estereótipos anteriormente aprendidos e utilizados exaustivamente. Eles permitem iniciar a observação do real, a reprodução do entorno, a “coragem” de expor seus talentos e dificuldades sem as cobranças de realidade e técnica exigidas por pessoas que ainda acham que desenhar é algum “dom divino que poucos possuem”. Através deles posso recobrar a alegria de desenhar, o gosto de colorir e a auto estima perdida pelos alunos em tantos julgamentos vindos das pessoas de fora. Picasso torna possível mostrar as várias facetas das imagens em duas dimensões, complementando o que foi apreendido com os naïfs. Eu não considero o desenho um tema de aula, bem como nenhuma linguagem artística em si. Penso que essas linguagens são instrumentos para a descoberta e o desenvolvimento da expressividade artística do aluno, da relação dessa expressividade com o mundo que o rodeia e com o seu universo interior. Com isso, o desenho nunca é trabalhado, nas aulas de Arte que ministro, como um fim. Ele é sempre um meio para atingir a um objetivo mais amplo. Nesse sentido, a escolha de um ou mais artistas em uma aula segue critérios mais abrangentes do que simplesmente os aspectos técnicos. A busca leva em consideração a possibilidade de uma relação de fruição estética completa, a partir de temas específicos. As imagens devem falar coisas ao aluno, que é incentivado ao aprendizado dessa escuta mágica.

Roman Lopes / Guarulhos (SP)

ILUSTRADORA CONVIDADA

Edith Derdyk

Trabalhos da artista, escritora, ilustradora e educadora Edith Derdyk ilustram esta edição.



mae-niteroi, montagem, 1998

Celeiro de Ideias

Quando se ensina ou não o desenho?

Apesar da sua presença quase unânime no âmbito escolar, especialmente nas séries iniciais, o desenho muitas vezes se confunde com práticas educativas que pouco ou nada contribuem para o desenvolvimento desta linguagem entre os alunos. As convidadas desta edição trazem exemplos de abordagens que podem ou não ser capazes de ensinar o desenho em sala de aula.

SIM ► Riscar, desenhar, brincar, poetar. Transformar um fragmento de vidro em uma jóia rara, rabiscos em dragão alado, pensamentos em formas. Modos singulares de (re)inventar e narrar o mundo. As crianças, assim como os artistas, fazem de conta que uma coisa se transforme em outra. Se todos nós estruturamos, nos anos iniciais de nossas vidas, o pensamento simbólico-poético, similar aos dos artistas, então, por que a maioria das pessoas desiste de buscar formas expressivas para narrar o mundo? Sabemos que ainda persistem em sala de aula práticas educativas que não levam os estudantes a terem prazer em descobrir a singularidade do desenho. Em consequência de práticas equivocadas e ultrapassadas em sua escolarização, crianças, jovens e adultos dizem insistentemente: “não sei desenhar”. E o que fazer para que o ato de desenhar seja ressignificado na Escola? Em primeiro lugar, o desenho, como qualquer linguagem requer conhecimentos, aprendizagens, experimentações e isso depende, em grande parte, de como a professora elabora e desenvolve suas propostas, pois ninguém aprende, tem domínio sobre algo do nada. A experimentação lúdica dos materiais e suportes, os “veículos” expressivos, talvez seja o primeiro passo para fazer com que os estudantes se aproximem do desenho. As experiências exploratórias com os materiais, instigadas pela professora, levam tanto a “ver” as possibilidades da linguagem do desenho, quanto conhecer o “comportamento” dos materiais. A professora, ao introduzir materiais e suportes, deverá lançar questionamentos: que tipos de linhas, texturas e tonalidades o carvão (que pode ser de churrasco) oferece em diferentes suportes? Como são esses registros?

Há semelhanças, diferenças na marca que ele deixa no papel da caixa de sapato e na folha de ofício? E a caneta esferográfica sobre guardanapo de festa de aniversário? Além da exploração, a professora deverá ampliar os repertórios dos estudantes sobre o desenho, buscando na cultura visual – da arte ao mundo virtual - exemplos que façam sentido a eles. Explorar materiais e conhecer as materialidades de diferentes produções gráficas poderá ser uma das vias para instaurar o prazer de desenhar na Escola.

Susana Rangel Vieira da Cunha - Doutora e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Licenciada em Artes Visuais pela UFRGS. Professora e pesquisadora na área de Infância e Cultura Visual na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS. Coordenadora editorial da Coleção Educação e Arte, Editora Mediação.

NÃO ► A sala se agita na expectativa da aula de Arte. Estojos ruidosos antecipam a dança dos lápis multicoloridos e canetinhas, dispostos a iniciar o grande momento de prazer da coreografia da linha: desenhar. Tudo inicia pelo convite entusiasmado da professora: “Hoje vamos fazer um desenho bem bonito no cartão do Dia das Mães!”, e cada criança, recebe um cartão em forma de coração duplo.

Maria fica contrariada: não consegue fazer os corações vermelhos para enfeitar o cartão. Apaga tudo e empurra o papel, reclamando: “Não sei desenhar!”. A resposta da professora é: “Faz como tu sabes!”. A menina pega o caderno de tema, coloca o cartão sobre a capa e traça o contorno da Hello Kitty.

Ao lado, Andréia já termina a casinha de telhado reto e chaminé, o sol de carinha, bem na volta do coração e duas aves no céu. Isabela lembra a folha de girassóis para colorir igual de um artista, e enche o coração de amarelo e laranja. João quer um caminhão, mas é muito complicado, pede ajuda, não é ouvido.

Tarefa cumprida, a professora feliz elogia o trabalho, vinte e oito cartões são guardados nas mochilas para serem entregues, no domingo, às mães.

O que se aprende sobre arte decorando cartões e modelos prontos? A valorizar a padronização, a representação convencional, em prejuízo às aquisições no campo da arte, como linguagem e conhecimento. Como fica a autoconfiança e a capacidade para desenhar? Desaparecem, na crença da aquisição espontânea; mas podem emergir, com ações qualificadas de ensino do desenho, em planejamentos que integrem pesquisa e experimentação, para alcançar o desenvolvimento de uma linguagem gráfica pessoal. Criar formas implica conhecer e dominar os códigos da linguagem do desenho. Que heranças escolares empobrecem as experiências? Há privação por se acreditar que arte é dom de privilegiados; que é algo apenas para ser visto, ou só lazer; ainda, pela sonegação do acesso ao patrimônio artístico.

Ao contrário, enriquecemos as experiências ao ampliar esse universo de conhecimento artístico, nas propostas de produção de significado à experiência do viver, que contribuem para humanização e atitude crítica diante do mundo.

Neiva Senaide Petry Panozzo - Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Licenciada em Educação Artística pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, onde também é Docente.

Edith Derdyk, desenho linha preta de algodão e papel japonês 14x05x0, 1997



Projeto inova na maneira de capacitar professores

Uma parceria inédita entre o Instituto Arte na Escola, o Instituto Avisa Lá e a Universidade Feevale, com apoio da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (RS), possibilitou a criação de uma proposta inovadora de formação de professores de Arte. Ao reunir diferentes instituições que desenvolvem programas de educação continuada, o trabalho conjunto resultou em uma nova estrutura de formação docente para a rede pública de ensino. A experiência, implantada ao longo de 2010, teve como principal fundamento didático o desenvolvimento de uma metodologia que priorizou a estratégia de filmagem das aulas de Arte.



Edith Derdyk, onda seca, 2007

4

» **Desenho, arte e formação docente: um projeto de formação continuada em Artes Visuais** foi desenvolvido em primeiras séries de sete escolas do Ensino Fundamental, com envolvimento de gestores, coordenadores, professores e mais de 130 alunos.

Roseli Alves, coordenadora da Rede Arte na Escola, conta que um dos objetivos foi "criar uma cultura de formação entre os atores envolvidos com efeitos reais nas aulas de Arte". Para ela, "a opção por uma metodologia que partiu da prática e se efetivou também na prática docente foi fundamental para os bons resultados".

O trabalho começou com um seminário para diagnosticar o ensino de Arte nas escolas envolvidas, cuja adesão ao projeto aconteceu voluntariamente. Depois as aulas foram filmadas e discutidas em oficinas nos ateliês da universidade. Além da parte prática, os professores leram livros teóricos, como "Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil", de Edith Derdyk (leia entrevista nas páginas 4, 5 e 6). Um seminário de avaliação dos resultados encerrou o projeto. Nesta oportunidade todos os professores envolvidos apresentaram os portfólios com registros dos seus próprios cursos de ensino-aprendizagem e de seus alunos.

Caroline Bertani, coordenadora de Polo Arte na Escola na Feevale, diz que a iniciativa despertou no professor a necessidade de planejar as aulas e a relevância do contato direto com a linguagem do desenho. "Vivenciar o desenho possibilitou sensibilizá-los em relação à percepção de que desenho é um conteúdo a ser ensinado", afirma.

Na opinião de **Denise Nalini**, formadora do Avisa Lá, o ato de filmar as aulas e debater o seu conteúdo "traz para a cena central o difícil e solitário ofício do professor". "É um encontro no qual o formador tem a oportunidade de compartilhar e desvelar com os professores, seu planejamento, suas concepções, sua intencionalidade ao selecionar uma imagem e ao propor um encaminhamento", diz.

Efeito multiplicador

A coordenadora de Formação Continuada da Secretaria de Educação de Novo Hamburgo, **Adriane Brevia**, destaca que antes da parceria "o professor não imaginava que existia este caminho didático do ensino do desenho". Ela revela que o trabalho já vem sendo multiplicado na rede municipal. "As escolas participantes estão atuando como multiplicadoras para as outras 70 escolas", relata. Ao elogiar a qualidade e a competência do trabalho desenvolvido, Adriane confessa: "Ficou um gostinho de quero mais".

O sucesso da experiência em Novo Hamburgo foi tão grande que o projeto está sendo reproduzido este ano em Minas Gerais. A coordenadora do Polo Arte na Escola no Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam, **Helania Cunha**, diz que está promovendo "uma reflexão sobre as práticas pedagógicas em desenho, visando potencializar um processo de aprendizagem que leve em consideração os conteúdos específicos desta linguagem, uma vez que a maioria dos professores da região não tem habilitação específica em Arte".

A professora **Aparecida de Fátima Corrêa Oliveira**, da Escola Professora Madalena Maria de Melo, em Patos de Minas, constata que sua visão sobre desenho mudou bastante. "Eu já disse 'não sei desenhar'. Hoje, vejo o desenho como uma forma de exteriorização da minha relação com o meio, como um processo de criação através da memória, da observação e das técnicas que podem ser aprendidas", frisa.

Para **Roseli Alves**, do Arte na Escola, uma das explicações para o sucesso da iniciativa, que se mostrou capaz de promover efetivas transformações do trabalho docente, foi ter conseguido aliar uma proposta de formação contínua que dialogasse com o Projeto Político Pedagógico das Escolas e envolvesse também as equipes Gestoras.

A promoção de estudos, reflexões e intervenções ao longo do processo, além de registros, por meio de vídeos que puderam ser socializados com os demais profissionais, também são considerados fatores determinantes para o êxito do projeto. "A estratégia da filmagem da aula produziu um rico material para aquecer as discussões no grupo, somando conhecimentos das experiências de cada um e promovendo reflexões e reencaminhamentos das práticas", explica Roseli.

Outro ganho significativo foi perceber que antes da intervenção, não havia sequer carga horária específica para a Arte na primeira série. No final, o conteúdo de desenho pode ser planejado e desenvolvido considerando as suas especificidades. Além disso, os professores construíram seus próprios acervos de imagens de desenhos dentro do universo da Arte de diferentes cronologias, o que representou uma importante ampliação de repertório artístico-cultural dos envolvidos.

"Uma mostra da apropriação do aprendizado foram os desenhos da representação da figura humana. As crianças não desenhavam mais o homem palito e já apareciam desenhos com movimento como a bailarina", conta. Ela cita também a frase de um aluno de Novo Hamburgo. Ao ser indagado sobre o que era desenhar, ele respondeu: "É uma paixão".

5

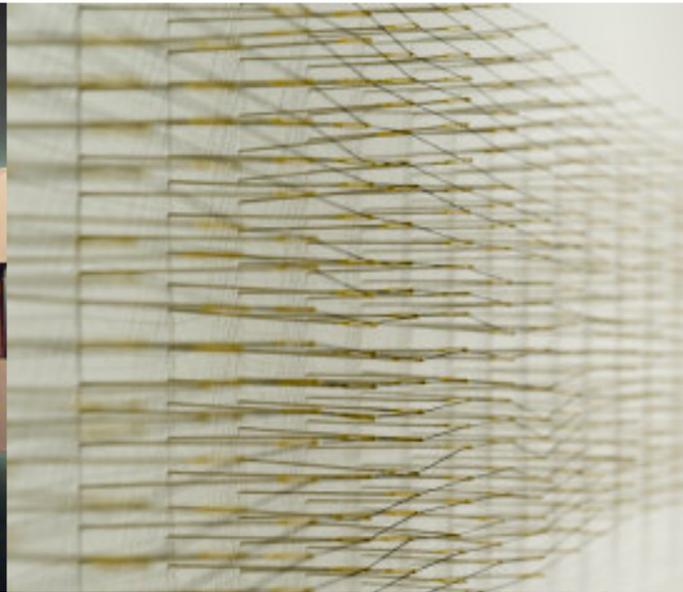


O educador precisa desenhar!

“Desenho pode ser entendido como manifestação que acontece em qualquer lugar: as conchas na praia, os riscos na lousa, as canetinhas em cima da mesa, as pegadas de um bicho, o vento no mar – alguém ou algo passou por ali humanizando e ressignificando os espaços. A vocação do desenho é transitiva, estando presente em muitas modalidades, matérias, espaços, alcançando um sentido maior e mais expansivo que escapa do entendimento do desenho apenas como ‘coisa de lápis e papel’, segundo Mário de Andrade”, Edith Derdyk.



Edith Derdyk, partitura, 2007



Edith Derdyk, sopro

6

» No seu livro "Disegno. Desenho. Desígnio" você destaca que a experiência é o ponto de partida para a compreensão da arte e aquisição desta como linguagem poética. A falta de formação do professor de Arte e a estrutura nem sempre adequada das escolas brasileiras são entraves para a experiência de fazer arte?

A formação do educador e a falta de estrutura das escolas são resultantes da inexistência de plataformas políticas que priorizem a educação, o que expressa a falta de preocupação com a cidadania. E quando se pensa no binômio educação e arte, ou educação pela arte, educação para a arte, ou a arte de educar, no sentido de acordar as sensibilidades e as inteligências em direção à constituição de uma subjetividade plena, o problema é ainda maior. Trabalhar com arte e educação é um ponto a ponto: uma construção artesanal que nasce de conceitos que possam embasar este pequeno grande fazer. Considero os professores guerrilheiros silenciosos. Acredito que a vivência, a experiência e a convivência – em nosso caso, com as paisagens que a arte nos oferece como campo do saber e repertório para a constituição de nosso imaginário coletivo – são uma questão de sobrevivência.

Na mesma publicação você também constata que muitas vezes o professor impõe sua própria imagem de infância ao interpretar o desenho infantil. Como o professor pode escapar desta "armadilha"?

Se compreendermos que já adultos ainda estamos em pleno processo de formação e que este nunca alcança algum lugar fixo, estável, com verdades prontas e acabadas, pois a própria vida é mudança, também será possível compreender que a infância, segundo a formulação do filósofo Gaston Bachelard em Poética do Devaneio, é um estado atemporal. Neste sentido, talvez possamos incorporar um estado de infância que nos habita e assim estar acessíveis e

abertos à natureza naturalmente transitiva da criança. Outro ponto importante é que a experiência viva da linguagem criativa nos deixe acordados para não cair na armadilha da representação ideal ou fantasmática de uma ideia de infância.

Já no livro "Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil", você frisa que sem uma vivência prática das linguagens expressivas, o professor corre risco de "cometer erros grosseiros na avaliação das garatujas e rabiscos aparentemente inúteis". Qual é a melhor maneira do professor avaliar o desenho infantil?

Para mim, "avaliar" significa ter a capacidade de escutar a criança com o intuito de desengatar procedimentos criativos. E isto depende do repertório e da experiência do educador, simultaneamente. No caso do desenho, é importante que ele tenha repertório gráfico, informações sobre os percursos do desenho na história da arte, além de um leque amplo de possibilidades técnicas e materiais. Também é fundamental que o educador tenha passado pela experiência de desenhar. Se ele não alia repertório e experiência, fica muito difícil realizar leituras, criar parâmetros de avaliação para o processo de desenvolvimento da aquisição da linguagem gráfica infantil. A arte não pode ser formatada como uma equação cujo alvo é uma resposta certa, definitiva e definidora, pois mais do que respostas, a arte visa à busca do sensível. Portanto o conceito de "avaliação" fica aqui meio deslocado, pois sempre vamos depender de quais repertórios e experiências estão em jogo na formação do educador que inventa as regras para avaliação dos desenhos infantis, já que estes não são equações, mas resultantes de sensibilidades e percepções, geradores de outras formas de conhecimentos não tão quantificáveis.

Como o professor pode conseguir o equilíbrio entre mediar o ensino do desenho e simplesmente "deixar desenhar"?

Acredito em parcerias entre educador e educando, entre educação e arte, entre o sujeito e a matéria, entre experiência e conceito, entre sensibilidade e inteligência, entre experimentar e adquirir informação, tal como num jogo de peteca onde a graça é não deixá-la cair. Aí também entra como ingrediente a sutil arte de educar, onde o educador não impõe e nem se impõe, mas consegue proporcionar e ativar o que cada criança necessita para realizar seu potencial criativo. E para isto nada melhor do que o educador que trabalha com arte, estar afinado com seu próprio instrumento de trabalho.

A excessiva exposição das crianças à avalanche de imagens, que você caracteriza como tempos da "ficção e da paródia", certamente influencia muito o desenho infantil. Que sugestão você daria para o professor incentivar a criança a desenhar "outras imagens"?

Investigar onde está o manancial de nosso imaginário, seja individual, seja coletivo, seja da criança, seja do adulto, implica em não perder de vista a perspectiva da experiência. Ainda mais em se tratando de uma linguagem expressiva e criativa cuja construção acontece justamente onde reside o sabor da experimentação. Também é muito importante perceber que o imaginário (lembrando que imaginário nasce da palavra "imagem") está totalmente conectado com a observação - do aqui e do agora - e que o estado da observação do mundo convoca também nossas memórias. Observação, memória e imaginação caminham juntas, são as matérias do nosso corpo que vive nesta paisagem contemporânea.

Em um fórum de discussão no site Arte na Escola

sobre "A responsabilidade do ensino do desenho, modelos e propostas na Educação Infantil", professores relataram falas de alunos como: "não sei desenhar" ou o "meu desenho ficou feio". De que maneira o professor pode lidar com afirmações assim?

Formulações como estas têm suas origens numa ideia de desenho calcada em modelos clássicos representacionais, onde o desenho se realiza como cópia duplicada das figuras do mundo, mais do que a possibilidade da experimentação. Dependendo do repertório – prático e teórico - que o educador carrega em sua bagagem e pela maneira que o educador formula suas propostas de aula, o desenho vai para um lado ou para o outro: ou para o desenho como cópia do real a priori ou para o desenho como ação e experiência sem o compromisso anterior com os modelos clássicos representacionais. Esta é uma longa história que atinge as origens das academias de ensino no Brasil, com a vinda da Missão Francesa, em 1816, que rebate hoje nesta enunciação "não sei desenhar", povoando a criança e o adulto de uma enorme frustração.

Neste mesmo fórum, muitos reclamaram do desenho infantil estereotipado. Como caracterizar esses estereótipos? Seria apenas uma linha tênue entre copiar um desenho e imitar um desenho?

A cópia tem origem num modelo anterior de desenho onde a criança, o adolescente e mesmo o adulto desenhavam uma ideia de desenho distante de si mesmos, desenhavam se submetendo a um ideal de desenho. Imitação sinaliza outra direção: significa apropriação, mimesis, pantomina (mímica), onde o sujeito que desenha, desenha de dentro, desenha com o corpo inteiro e não isento de sua subjetividade. Para esta diferença sutil, porém avassaladora entre cópia e imitação estar bem clara para o educador, ele precisa, antes de mais nada, desenhar!

7

«



Edith Derdyk, *veloz*, cerca de 16.000m de linha preta de algodão, 1998



Edith Derdyk, *rasuras*, Alemanha, 2002

8

Artista, escritora, ilustradora e educadora, Edith Derdyk tem expressiva ligação com o desenho. Licenciada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, participa de exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior. Também escreve e ilustra publicações infantis, além de publicar livros teóricos. Para conhecer melhor a obra da artista acesse: www.edithderdyk.com.br

OS ENDEREÇOS E DADOS PARA CONTATO COM OS POLOS E PARCEIROS DA REDE ARTE NA ESCOLA ESTÃO NO SITE www.artenaescola.org.br



Patrocínio
FUNDAÇÃO
IOCHPE